



Aquarela da Cidadania

Cores de uma Educação Transformadora

Autoria

Marília Navarqui

Organização e Revisão

Alice Gomes

Larissa Pacce

Maíra Moura



Sumária

<i>Apresentação</i>	04
<i>Uma nota da contadora das histórias</i>	06
Costurando sonhos de igualdade	09
Política na escola: florescendo cidadania	14
Nos trilhos da democracia	20
Um olhar para a aldeia Tingui Botó	25
Uma viagem democrática: navegando pelos mares da empatia	30
Esportes e idiomas para a cidadania	35
O roçado da democracia	40
Quando as cores da democracia se encontram na escola	45
<i>Agradecimentos</i>	50



Apresentação

Esse ebook, uma coletânea de histórias, nasce do desejo de compartilhar com educadoras e educadores experiências transformadoras de educação para democracia, que foram implementadas, em sua grande maioria, no chão de escolas públicas de vários cantinhos do nosso país.

As histórias aqui narradas de forma poética e afetiva foram baseadas em projetos desenvolvidos no âmbito do programa Missão Pedagógica no Parlamento, da Câmara dos Deputados.

A partir do estudo, reflexão e vivências sobre política, democracia, cidadania e o Parlamento, permeados por debates e trocas de experiências entre educadores participantes do programa, foram lançadas as sementes que deram vida às histórias relatadas neste ebook.

Elas convidam o leitor a conhecer algumas práticas e vivências de educadores e educandos nas escolas e territórios onde os projetos tomaram forma. Essas histórias também podem levar os leitores a se identificar com situações que vivenciam em sua realidade e quem sabe, inspirá-los a ação!

Falam sobre participação, empoderamento, protagonismo estudantil, sonhos, construção de diálogo, atitude, superação. Nos contam também

sobre as dores, dificuldades e barreiras encontradas ao longo do caminho. Aconteceram em escolas de Alagoas, Maranhão, Pernambuco, Rio Grande do Norte, São Paulo, Rio de Janeiro e Distrito Federal.

Muitos desses projetos não nasceram de grandes ações, mas começaram pequenos e alcançaram mudanças significativas em suas comunidades. Durante a leitura, fica claro que o potencial transformador não está no tamanho do projeto, mas sim em como ele toca e afeta a todos os envolvidos, e no espírito democrático das ações práticas propostas.

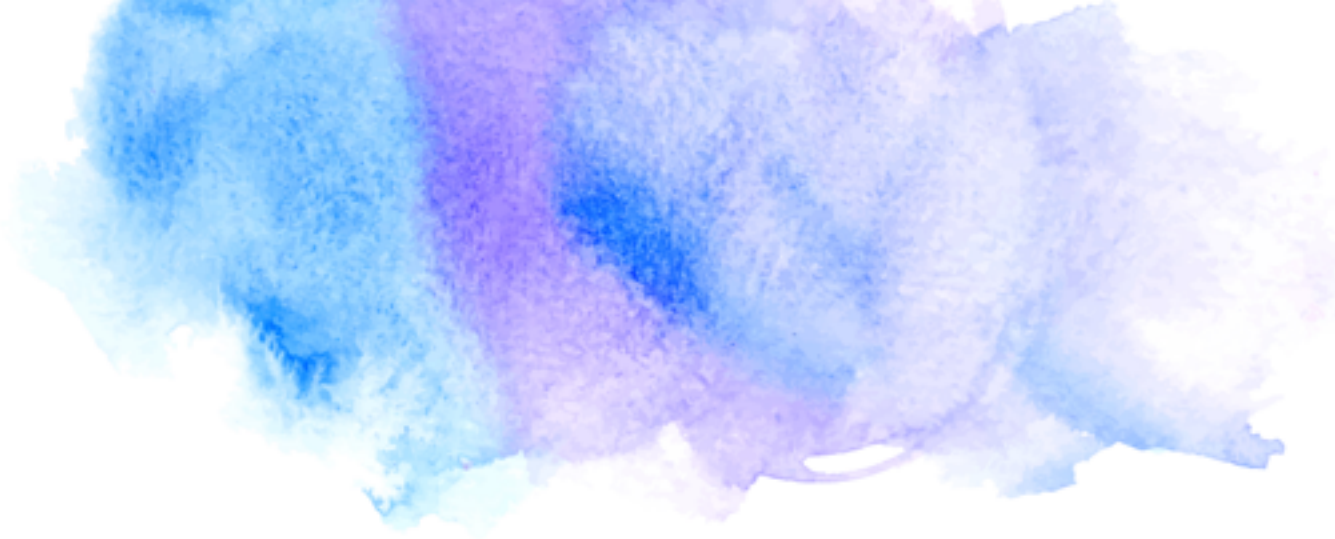
Devido à impossibilidade de contemplarmos aqui todos os projetos desenvolvidos no programa, selecionamos alguns, buscando fazer um recorte que contemplasse uma diversidade de temas e ações pedagógicas.

Muitas dessas experiências ganharam notoriedade em suas escolas, cidades e até nacionalmente, com alguns educadores recebendo importantes premiações, como Educador Nota 10 e Prêmio Nacional de Educação Fiscal.

Recontadas aqui pela colega e professora Marília Navarqui, também egressa do programa, as histórias nos nutrem e nos enchem de esperança e orgulho. Amiga dos protagonistas, pôde acompanhar o desenrolar dos projetos e, com seu olhar observador, captar as nuances das transformações ocorridas.

São relatos que encantam, mas sobretudo fazem acreditar na imensa força da escola como palco de transformação social, não só daqueles que estão dentro dela, mas da sociedade como um todo.

Equipe Missão Pedagógica no Parlamento



Uma nota da cantadora das histórias

Sempre enxerguei a proposta de educar para a democracia como um convite a educadoras e educadores inquietos e corajosos, mas acima de tudo famintos. Fome de explorar capacidades, de firmar compromissos, de buscar conexões. Foi essa fome que me desafiou a experimentar os sabores e os saberes de sete histórias, além da minha, que compõem esta mesa farta de parceria, transformação e empoderamento. Poder contar o modo de fazer desses projetos conduzidos por educadoras e educadores que admiro, além de ter acompanhado as etapas na medida em que iam se concretizando, fez com que essa tarefa tivesse um sabor muito especial. Quando os ingredientes são bem combinados, é certa a harmonia do prato.

Organizar esse cardápio tão farto de ideias me possibilitou também tocar o viés da educação democrática fora dos livros: nas mulheres costeiras que se empoderaram no Maranhão, nos alunos e alunas indígenas e alagoanos que tiveram voz e vez, no cuidado com a saúde da comunidade negra a partir de um projeto em uma escola paulistana, no deslumbre de estudantes fluminenses aprendendo sobre democracia em um jogo de tabuleiro - entre tantas histórias lindas que começaram a ser gestadas nesse

encontro de amor pela Educação que é o **Programa Missão Pedagógica no Parlamento**.

Na medida em que eu ia lendo sobre os projetos, percebi que muitos foram os desafios, como falta de apoio e de recursos, dificuldades de tantas educadoras e educadores todos os dias. Mesmo assim, eles se atreveram e se arriscaram, famintos, em escolas que foram palco de ações transformadoras.

É com essas ações que a mesa está servida: experiências que me inspiraram enquanto aconteciam e continuam me emocionando todas as vezes que as revisito, como a das alunas pernambucanas que declamaram seu cordel em pleno Salão Negro em viagem para conhecer a Câmara dos Deputados com a educadora. Histórias que vêm nutrindo o meu fazer pedagógico todos os dias, banquete de sonhos possíveis preparado por educadores famintos para amantes da Educação - também famintos - poderem se fartar e levar para a escola e a vida o gosto de uma educação emancipadora.

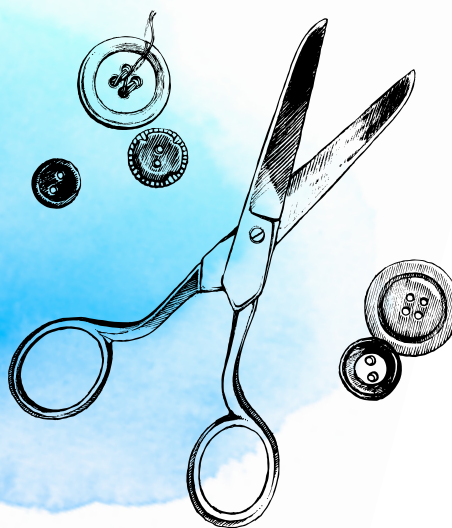
Meninos e meninas de vários cantos do país que andaram pelos trilhos da democracia em cidades grandes, pequenas, de todas as cores, de todos os sonhos. E embora a variedade seja tão grande, nessa fartura há um ingrediente comum a todos os pratos que nos foi entregue pela equipe de mulheres do Missão Pedagógica e que carregamos como nosso segredo, aquele toque especial do *chef* que torna as receitas inesquecíveis e incomparáveis: o tempero do *significado*, produzido artesanalmente. Misturado aos nossos próprios temperos, trouxe as combinações saborosas dessas histórias imensas.

E se a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós, como nos lembra Manoel de Barros, temos a certeza, então, de que a importância dessas histórias é tamanho infinito, um tamanho que agora existe, porque nós temos fome do novo. O novo jeito, o novo caminho, a nova voz: aquela que teima em não silenciar. Este e-book é um grito. Um grito de que é possível fazer a diferença na vida de estudantes que todos os dias saem de suas casas e vão à escola acreditam-

do em um futuro melhor, um grito que mostra o universo de possibilidades que somos junto às nossas alunas e alunos. Um grito de esperança e ponte em meio ao caos de tantos muros. Um sussurro de fé nos ouvidos de educadores famintos.

Que a nossa fome por uma Educação para democracia nos leve a sempre buscar novas receitas, mas, acima de tudo, que nos desafie todos os dias a adoçar as vidas dos nossos estudantes com amor e coragem, pois é isso mesmo que Freire nos ensina sobre a Educação: *um ato de amor e, por isso, um ato de coragem*. É disso que estas páginas são feitas: professores que gritaram coragens e alimentaram suas escolas e estudantes de amor e ousadia.

Marília Navarqui



Costurando sonhos de igualdade

“Sim, me dê a mão, a gente agora já não tinha medo”

Chico Buarque

Chico deu a voz, mas foram as mãos das quarenta mulheres do Curso de Corte e Costura do **Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão** que costuraram com diálogo e coragem uma história de descoberta, pertencimento e revolução. Conduzidas pela **educadora Brena Fernandes**, as alunas entre 16 e 58 anos aprenderam a riscar o molde do poder e a cortar, além dos tecidos, os medos.

A Unidade de Açailândia oferece cursos de formação inicial e continuada em diversas áreas anualmente, mas a procura por esse curso é tanta que a oferta sempre acontece. Mães, chefes de família, egressas do trabalho escravo e outras tantas são as condições dessas mulheres que cruzam as portas do IEMA buscando realizar um sonho: aprender uma atividade que propicie independência financeira — a chave para abrir a porta de tantas outras vontades.

“Mulheres que não reconhecem em si a beleza de suas histórias”, foi o que a educadora constatou observando a insegurança que tinham para

vender as próprias peças. Não demorou para que se tecesse o objetivo do projeto: despertar nas mulheres, futuras costureiras, a consciência democrática e sua capacidade de protagonismo social e mudança da própria história. Da modelagem à peça pronta, foram meses de encontros e estratégias para promover o autoconhecimento e desconstruir o pensamento enraizado de que mulheres não podem escolher seus próprios caminhos.

Para mostrar que elas não eram alfinetes que devem ficar onde são espetados, mas agulhas que entram, saem e costuram seus destinos de liberdade, apresentou em roda de conversa a proposta do projeto, que foi abraçada desde o primeiro momento. A dinâmica da integração com falas e cantigas de roda conectou as participantes que se enlaçaram em braços, abraços e pensamentos. Coletividade, união e feminino alinhavam o momento que abriu um caminho de compreensão e valorização à simplicidade e à vivência de cada uma.

Alinhavo feito, era hora de pegar a fita métrica para entender como aquelas ações estavam sendo recebidas. A ação “Experimentação do Projeto” propôs que escrevessem o que mais havia marcado até ali e o relato “*Na roda de dança sentimos a união na simplicidade*” deu a medida exata do que a educadora estava buscando naquele momento. Uma colega sugeriu um painel para expor as fotos desses momentos tão ricos e um pôster personalizado foi afixado no corredor; as “meninas” começaram a perceber que gostavam daquela visibilidade. Se elas eram capazes de ser donas da própria imagem, por que não das próprias escolhas?

O primeiro bate-papo aconteceu com o ginecologista e obstetra Victor Hugo, que respondeu a perguntas feitas previamente em *post-its* distribuídos pela educadora. Assuntos delicados foram tocados e a sensibilidade do médico fez com que se sentissem em um ambiente acolhedor e confiável, construído também pela psicóloga Márcia Costa na oficina “*O fortalecimento das relações intra e interpessoais femininas*”. Desconfortos e situações que traziam angústia vieram à tona em um momento muito especial do projeto: o tecer da peça *autoconhecimento*. A atividade do “*Curtograma*”, um gráfico em cruz com as categorias “curto e faço”, “não curto e não faço”, “curto e não faço”, e “não curto e faço”, revelou que as duas últimas

foram as mais listadas e geralmente relacionadas aos maridos e filhos.

O autoconhecimento foi só o croqui desse modelo de *educação para democracia* que se consolidou ainda mais quando a formadora do Centro de Defesa à Vida e aos Direitos Humanos Carmen Bascarán, Yona Luma, propôs uma conversa sobre “*O papel protagonista da mulher brasileira na sociedade contemporânea*”. “*Mulher no volante...*” e outros fragmentos de ditados populares de mote machista foram espalhados pelo chão para que elas completassem e manifestassem sua opinião. O convite para darem um novo final proporcionou um momento de criatividade e diversão. Em meio às risadas e profundas reflexões, uma aluna, muito emocionada, pediu a palavra e fez um relato emocionante sobre violência doméstica, conectando ainda mais aquelas mulheres em solidariedade e acolhimento.

E como se as linhas do destino é que estivessem costurando essa história, o próximo bate-papo trouxe o tema “*O direito das mulheres sob a ótica da legislação brasileira*” com a advogada Morgana Meirellys que, dispensando o tratamento “doutora”, preferiu ser chamada apenas pelo nome intuindo que, no tecido da simplicidade, é que se borda a conexão. Morgana respondeu a diversos questionamentos sobre direito civil, criminal e previdenciário envolvendo a mulher, e a conversa sobre direito e direitos — que elas nem pensavam que tinham — impactou de tal maneira que uma das alunas, mesmo sem saber escrever, pediu para a educadora registrar as impressões daquele momento.

Quem também chegou para ajudar com propriedade na costura desses sonhos foi Gláucia Santos, costureira e proprietária de um ateliê que aluga fantasias. Uma história inspiradora já que, mesmo de origem muito humilde, herdou da mãe o dom de costurar e hoje, com a sua costura, vive confortavelmente se fantasiando da liberdade que quiser. Uma bela mesa preparada pelas alunas recebeu Gláucia no evento *Café com Prosa* para essa troca de experiências, inspirações e possibilidades.

Depois de tantas descobertas, o segundo momento da “*Experimentação do Projeto*” foi uma proposta para que resumissem em uma frase o

que houve de transformador em suas vidas após o projeto, então, as ideias foram agrupadas tematicamente e as alunas desafiadas a sintetizar a frase principal de cada grupo. Inspiradas por essa frase, geraram uma pergunta que deveria começar por *“Como podemos...”*, cuja resposta deveria partir dos próprios grupos: *“Mulheres Virtuosas”*, *“Mulheres Guerreiras”*, *“Amigas Para Sempre”*, *“Mulheres Transformadas”* e *“Mulheres Poderosas”*. As produções formaram um painel de ideias que trazia, entre tantas madrepérolas, *“A força de vontade nos leva aonde queremos chegar”*.

E o próximo lugar em que elas chegariam, a esperada exposição de arte têxtil, teve reforços muito especiais: a artista plástica Edimilia, que falou sobre como a Arte pode manifestar a resistência e a identidade feminina. O *composé* costura e arte despertou um olhar crítico, reflexivo e sensível. Três alunas dominantes da técnica de vagonite (um bordado simples e delicado), crochê e pintura em tecido se disponibilizaram a facilitar um minicurso para as colegas: técnicas para somar às peças que seriam expostas. *“Mas sua obra precisa de um conceito, não adianta ser bonito, tem que ser Arte...”* *“Pensa um pouco... O que aprendemos sobre democracia? Não acha que combina com isso que pintou?”* foi uma conversa das alunas ouvida pela educadora que, naquele momento, teve certeza de que algo realmente significativo tinha acontecido.

A exposição *“O lugar da mulher na democracia”* teve convites feitos de tecidos e artes tecidas de sonhos. As 17 obras e as duas instalações, uma sobre o saber da costura e a outra com videodepoimentos das mulheres, foram abertas à visita depois da abertura - também artística - com cordel sobre a lei Maria da Penha e a música *“A Costureira”*, de Dominginhos e Manduka. *“Sou minha, sou mulher, sou tudo o que eu quiser”* era a frase de uma das peças expostas. Via-se, agora, que no vazio do tecido cabiam existências, sonhos, forças e liberdades.

“O que mais me marcou e fica em toda essa caminhada é o carinho, a escuta, o cuidado, a entrega e o amor. Não se pode fazer educação para a democracia se isso não for você, se não estiver correndo em suas veias”. Sim, professora Brena, e essas veias por onde correm cuidado, escuta e entrega pela educação precisam de mãos que tecem, enlaçam, alinham

e costuram belezas que só a sensibilidade é capaz de tecer. Se agora “*Não há escada que a mulher não possa subir*”, como bordou uma das mulheres do IEMA, é porque elas seguraram a sua mão e já não têm mais medo: seguem arrematando as próprias trajetórias com *Transformação, Liberdade e Força*, palavras femininas.



Brena Camila Lobato Pontes Fernandes

Gestora Pedagógica

brena.lobato@yahoo.com.br

Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão - IEMA

Unidade Vocacional Açailândia

Açailândia - MA



Política na escola: florescendo cidadania

*“Nas escolas, nas ruas
Campos, construções
Caminhando e cantando
E seguindo a canção”*

Geraldo Vandré

E se a professora, como parte de um projeto sobre Educação Política, levasse seus alunos e alunas até Brasília? E se pudessem conhecer a capital do país em uma viagem incrível e ir até a Câmara dos Deputados para discutir, em comissões simuladas, projetos de lei escritos por outros estudantes? Melhor ainda: se pudessem votar esses projetos eletronicamente direto das cadeiras dos senhores e das senhoras deputadas no Plenário Ulysses Guimarães? E conhecer o Congresso, o cerrado e os traços do arquiteto bem de pertinho?

Parece bom demais para ser verdade, mas foi essa a experiência que a **professora de Língua Portuguesa Cibely Martins**, de Caruaru – Per-

nambuco e sua turma vivenciaram por meio do *Programa Câmara Mirim*, concebido pelo Plenarinho.

Foi um lindo caminho de descobertas para uma escola que carrega flor até no nome: **Escola Municipal Professora Margarida Miranda**. Mas nem tudo são flores na trajetória de professores que sonham com uma Educação de qualidade, há também muitos espinhos que não ferem apenas esses profissionais, mas também os jovens, rotulados por estudarem em uma escola periférica.

Localizada em uma região pouco desenvolvida economicamente e distante do centro, a “Margarida”, como a escola é conhecida na cidade, viu sua realidade se transformar no momento em que a professora Cibely foi selecionada para o Programa que contou com a participação de educadores do país todo. 1º lugar! E foi mais que orgulho: foi o vislumbre de uma oportunidade única para fazer aqueles alunos e alunas, tão feridos dos espinhos da falta de pertencimento e protagonismo, florescerem em empoderamento, autoestima e exercício de cidadania.

Apresentar como se fazem as leis e as estratégias para acionar os poderes como cidadãos de direitos foi o primeiro — mas não o único — objetivo da educadora, já que seu maior desafio era ressignificar a política, vista como “algo ruim”. O desinteresse dos meninos e das meninas por política e a falta de recursos financeiros para a viagem até Brasília foram grandes desafios. Mas as flores, quando têm de nascer, nascem. E com a persistência dela, da coordenadora e da diretora da escola, além de muitas reuniões com apresentações de orçamento, a “Margarida” conseguiu apoio da Prefeitura Municipal, que arcou com todos os custos da viagem. Uma grande vitória para uma escola tão desacreditada. Eram as flores vencendo o canhão.

Para que fossem selecionados para a viagem, os alunos deveriam escrever um projeto de lei e passar por uma entrevista com a equipe escolar. “*Com grandes poderes, vêm grandes responsabilidades*”, foi o lema que os próprios estudantes criaram. A responsabilidade de pensar em ideias inovadoras para os projetos de lei foi o primeiro passo desse projeto desen-

volvido com os oitavos e nonos anos da “Margarida”.

Dinâmicas de grupo e jogos foram algumas das ferramentas utilizadas no processo. O material elaborado pela equipe do Plenarinho e o *Jogo da Política*¹ também tiveram grande impacto no despertar dos adolescentes para o tema. Na medida em que tocavam no assunto “política” de uma forma mais lúdica e reflexiva, mais se envolviam com esse universo. Foram percebendo que ela não morava nas gravatas e nos saltos em Brasília, mas ali na comunidade e no direito que tinham de viver uma vida digna, estudar em uma boa escola, ter uma biblioteca, um atendimento médico de qualidade. No fundo, sabiam que estavam nessa comunidade e que essa comunidade também estava neles.

Tanto estava que no jardim da “Margarida” não floresceu apenas política. O sentimento de protagonismo e o novo olhar para si mesmo e para o outro estimularam naqueles jovens o desejo não só de ser diferente, mas de fazer a diferença. Então se organizaram para criar um grupo de apoio cujo objetivo era proporcionar um ambiente seguro de diálogo para os colegas mais tímidos poderem se expressar; afinal entenderam que quem sabe faz a hora, não espera acontecer.

Uma das atividades que mais impactou foi a visita à Câmara Municipal, pois nesse momento tiveram a oportunidade de assistir a uma sessão legislativa e de conversar com os vereadores e as vereadoras para conhecer mais de perto as demandas e desafios de representar e legislar. E assim a professora seguia regando suas plantinhas que começavam a florescer. E Cibely não se esqueceu de, nesse trajeto, cuidar da delicadeza das pétalas daqueles meninos e meninas: *facilitações de autoconhecimento, dinâmicas de grupo* e até *intervenções teatrais* foram feitas para que as barreiras do medo e da timidez fossem vencidas. E mais: com a certeza na mente e a história na mão, ainda criaram um perfil em rede social para que pudessem compartilhar suas experiências com o projeto — ação crucial para o novo olhar surpreso e esperançoso que nascia na comunidade.

1 <http://jogodapolitica.org.br>

A essa altura, já estavam muito envolvidos com a política e com o projeto. Notícias e reportagens estampavam os jornais de Pernambuco com os rostos dos únicos representantes nordestinos no Câmara Mirim. Jardins cuidados pelas mãos de bons jardineiros sempre florescem! E o dia da viagem tão esperada chegou: e os alunos e as alunas, acompanhados pela professora, coordenadora e diretora, chegaram a Brasília. E se deslumbraram com a viagem de avião, com as cores do céu sem igual, com a Câmara, com o painel eletrônico. Enquanto as raízes da democracia se fortaleciam em meio às atividades, uma nova política se apresentava. Uma política que não era só “algo ruim”, difícil de entender e sinônimo de corrupção, mas um espaço de falas e de escutas, uma possibilidade de propor e promover transformações na vida das pessoas e, mais do que isso, um exercício pleno de cidadania necessário para cidadãos e cidadãs que têm direitos e deveres.

Mas nem só de simulações e reuniões foi feita a viagem. Teve passeio turístico, muitas fotos e a oportunidade de ver, ao vivo e nas mais lindas cores, o céu da capital. E se os pequizeiros já enfeitavam as ruas de Brasília, a declamação do cordel escrito pelas meninas da “Margarida” encantava os ouvidos de quem passava pela entrada do Salão Negro da Câmara:

*Somos de Caruaru
Cabra arretada da peste
Representando Margarida
E também todo o Nordeste
Quando ficamos sabendo
Foi uma grande emoção
Estávamos muito ansiosos
Para andar de avião
Uma coisa vou dizer
Uma coisa digo sim
A minha vida mudou
Desde que conheci o Câmara Mirim
Ele mudou a minha história
E mudará até o fim*

E foi assim, caminhando e cantando, que chegaram à atividade final e mais aguardada: a votação de um projeto de lei que propunha bibliotecas abertas aos finais de semana nas escolas. Teve aluna da “Margarida” falando na tribuna! Teve voto eletrônico, bandeira de Pernambuco na mesa e sentimento de orgulho no coração. Meninos e meninas florescendo no mais fértil dos terrenos em uma escola: o da educação para a democracia.

Mas o tempo voa e os dois dias sensacionais de muitas vivências chegaram ao fim. E cheio de meninos e meninas com novas sementes e valores, o avião partiu de volta ao território pernambucano. Foram inúmeras fotos e registros, mas a missão não havia terminado! Era tempo de plantar novas sementes na “Margarida”. E como a professora agora dizia, “*Com grandes conquistas, vêm grandes responsabilidades*”. Já na escola, replicaram tudo o que vivenciaram e encantaram os colegas explicando como as leis eram criadas. Fizeram dinâmicas e, para coroar meses de trabalho e dedicação a um projeto voltado à democracia e ao protagonismo dos alunos, a educadora promoveu um evento para todos da escola. A experiência na Câmara foi replicada e os outros alunos também tiveram um dia de “deputados”, “deputadas”. Houve entrega de certificado e plaquinha de acrílico, “*um momento histórico na escola*”, segundo a professora.

Foi uma trajetória linda, ainda que repleta de dificuldades. Aqueles alunos e alunas acostumados a serem vistos de maneira pejorativa pela comunidade agora eram motivo de orgulho para ela, para a cidade, para o estado, para o Nordeste. E o mais importante: para si mesmos, que passaram a se enxergar cidadãos capazes de lutar por seus direitos, modificar sua realidade, fazer parte de uma sociedade que por muitas vezes impõe preconceitos e julgamentos. No canteiro da “Margarida”, a jardineira Cibely mostrou que era possível fazer diferente, e que, mesmo em meio a tantos pedregulhos e espinhos, deveriam sempre fazer da flor o seu mais forte refrão.



Cibely Martins Vieira

Professora de Língua Portuguesa

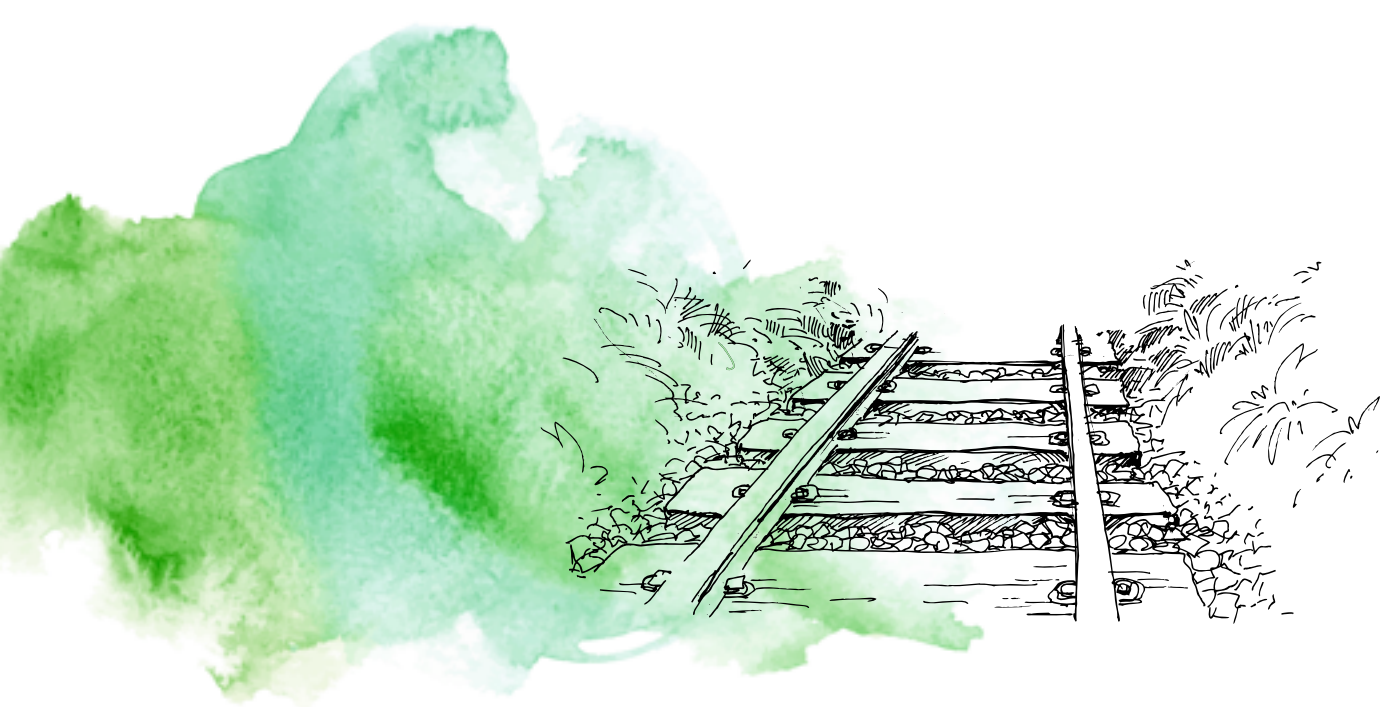
martinsv.cibely@gmail.com

[instagram.com/ecibelymesmo](https://www.instagram.com/ecibelymesmo)

[linkedin.com/in/cibelymartins](https://www.linkedin.com/in/cibelymartins)

Escola Municipal Prof^a Margarida Miranda

Caruaru - PE



Nas trilhas da democracia

*“Caminhante, não há caminho.
O caminho se faz ao caminhar.”*

Antonio Machado

“Você se tornou um cidadão mais consciente. Parabéns, avance para a chegada”. A última casa do jogo de tabuleiro criado pelos alunos e pelas alunas do **professor Diogo Jordão** não levava apenas à vitória na disputa — mas a um novo universo em que agora se reconheciam como cidadãos atuantes por seus direitos. Uma chegada que rendeu, aos jovens, uma experiência incrível de atuação política junto ao poder público; à comunidade, uma ponte poderosa até o poder legislativo; e ao mestre, o reconhecido prêmio de *Educador Nota 10*, organizado pela Fundação Victor Civita. Uma vitória trilhada em um caminho cheio de sentido! É hora de apertar o cinto para conhecer a paisagem linda desse trajeto de *educação para democracia!*

Toda a comunidade escolar do **Colégio Estadual Nelson Pereira Rebel** foi envolvida nessa viagem, mas foram os passageiros da turma 2001 do Ensino Médio Integral os primeiros a embarcar com o maquinista nesse

trem democrático, cujo desafio maior era estimular a atuação política deles, um caminho que andava meio esquecido até então. Uma antiga linha de trem que atravessa o distrito de Travessão, município de Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro, inspirou o nome do projeto desenvolvido no colégio da região central, que atende aproximadamente 750 estudantes.

Para despertar a conexão desse público com a vida política era necessário que o professor de Geografia elaborasse um roteiro de viagem muito bem planejado para chegar ao seu destino: possibilitar que as queixas e reclamações quanto à precariedade dos serviços públicos saíssem das rodas de conversa da comunidade e fossem direcionadas ao poder público municipal. Se “*é caminhando que se faz o caminho*”, nada melhor do que construir coletivamente a proposta do projeto. Uma trilha iniciada com estímulo ao protagonismo e ao diálogo só poderia ser indicador de um percurso cheio de sucesso!

E se essa trilha tinha como desafio o estímulo à atuação política, havia de se ter na bagagem os conceitos de *democracia e cidadania*. Documentários e debate de ideias com temas polêmicos como gravidez na adolescência, drogas e discriminação racial e de gênero ajudaram a despertar o senso crítico dos estudantes.

Diversidade de pensamentos na mochila, era só seguir viagem, mas não sem antes hastear a própria bandeira: e foi com folhas em branco que o educador propôs uma atividade em que eles deveriam “desenhar” causas sociais pelas quais lutavam ou desejavam lutar. O momento “*Qual é a sua bandeira?*” estimulou os jovens a pensar na própria realidade e aquelas folhas vazias transformaram-se em bandeiras de sonhos. Se “*o espaço vazio é o lugar onde a liberdade mora*”, como Rubem Alves dizia, foi lá que voos livres com temáticas sobre *bullying*, meio ambiente e homofobia aconteceram.

“*Mas por que lutar por direitos já conquistados?*” Momento ideal para avançar nessa trilha e desenvolver um trabalho mais aprofundado de pesquisa envolvendo a Constituição e os problemas sociais no laboratório de informática da escola. Depois de, em grupos, escolherem um direito cons-

titucional, a busca foi por notícias de situações em que aquele direito não era respeitado.

Além de olharem pela janela e perceberem o quanto havia por se fazer, olharam também para si mesmos e constataram as próprias dificuldades, por exemplo, o transporte para a escola. Perceberam ainda que a falta de vagas nas escolas municipais “desrespeitava” o direito à Educação para todos. “Todos são iguais” também estava escrito lá, mas começavam a perceber que nem todos viajavam no mesmo conforto de direitos nesse trem que deveria seguir sempre pelos trilhos da igualdade, do respeito às diferenças e da cidadania.

Era chegado o momento, então, da ação: de a escola ir até a comunidade e pesquisar sua relação com a política. Depois de consultas à internet e muita conversa sob orientação do professor, houve a elaboração de questionários norteados por eixos temáticos ligados à cidadania e à democracia. Papel e caneta na mão, bandeira na mente e desejo de atuar naquela realidade fizeram com que descobrissem, pasmados, que 45% dos entrevistados não se lembravam em que candidato a vereador haviam votado na última eleição.

Com os dados disponíveis, gráficos foram elaborados e relatórios apresentados aos outros membros da comunidade escolar. Essa trilha estava cheia de pontos críticos, mas os ocupantes do vagão da escuta sabiam exatamente por onde começar a intervir: construíram coletivamente novo questionário e voltaram à comunidade para ouvir as pessoas. Era preciso escutar como avaliavam os serviços públicos e como sentiam que a condição de vida poderia ser melhorada.

O resultado foi uma avaliação negativa para os serviços públicos locais, com destaque ao transporte e à saúde. Mas a intervenção só havia começado e um dos momentos mais aguardados pelos viajantes foi o evento “*Café com Política*”, cujo objetivo era apresentar a uma vereadora convidada pela diretora da escola — os resultados da pesquisa. Uma tarde com café, política, cidadania e com meninas e meninos perguntadores e sedentos por respostas. “*Olha que coisa mais linda!*” Tom Jobim também

ficaria admirado com a paisagem carioca de transformação que aqueles estudantes protagonizavam.

E a paisagem não foi feita apenas de conversa e café: um ofício com as solicitações de melhorias sugeridas pelos cidadãos foi entregue à vereadora, que se comprometeu em apresentar as demandas na Câmara Municipal. Duas semanas depois, o ofício foi entregue e, além disso, as reivindicações também foram apresentadas ao Secretário Municipal de Saúde em uma Audiência Pública. Resultado: escola, comunidade, Poder Legislativo e Poder Executivo se conectavam desenhando democraticamente um novo horizonte no dia a dia de homens, mulheres, meninas e meninos do distrito de Travessão.

E assim como nos trilhos da vida, por vezes surgem boas surpresas em curvas inesperadas. Foi em uma dessas curvas que a vereadora convidou educador e estudantes para comparecerem à Câmara Municipal. E que surpresa! Além de conhecerem a Casa Legislativa, receberam uma *Moção de Aplauso* pela relevância da ação. Mas a conquista maior foi algo que os olhos não podiam ver: o despertar de um sentimento de empoderamento, como observou o professor: “*Eles puderam perceber-se como cidadãos participativos na melhoria do seu lugar de vida*”.

Boas surpresas e rotas de diálogo trouxeram ainda a reflexão de uma ação não prevista no projeto inicial: *Que tal olhar para trás e constatar como a vida em comunidade entrava no eixo desde que os trilhos da democracia se fizeram demarcáveis e possíveis?* Melhor ainda: e se essa experiência pudesse multiplicar as ideias de uma cultura democrática e de participação política?

Um *jogo de tabuleiro* tendo como princípio todo o percurso percorrido no projeto: foi nesse vagão lúdico que o professor propôs aos jovens que escrevessem frases com exemplos positivos e negativos com o tema Democracia para distribuírem nas “casas” da trilha. Em uma bela manhã de uma escola fluminense, o “*Trilhos da Democracia*” nasceu cheio de cores e de retas em uma base de papel. Retornava algumas casas quem parasse em exemplos negativos e avançava quem se deparasse com atitudes de-

mocráticas. E o melhor: todas as turmas da escola poderiam se beneficiar e aprender mais sobre cidadania e democracia com a facilitação dos próprios autores do Jogo.

Embora não se saiba se todas as solicitações da população serão atendidas, é certo que a ponte comunidade - poder público foi construída com bases sólidas e princípios democráticos, além de o desafio inicial de estímulo à atuação política ser alcançado, como analisa o professor: *“A sensação de dever cumprido é também por colocar em prática uma ação que cumpriu com os objetivos de uma Educação Emancipadora, formadora de cidadãos conscientes e capazes de compreender sua própria realidade”*. Escola, estudantes, comunidade e educador: todos nota dez em um trem de compromisso com a cidadania que desfilou sobre trilhos democráticos. “Avance uma casa”, professor, e pegue o troféu de construtor de uma educação transformadora. Ele é todo seu!

Diogo Jordão Silva

Professor de Geografia

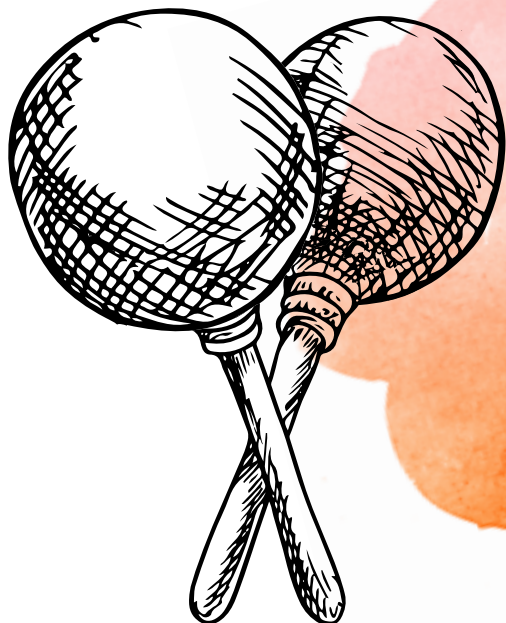
diogojordao@id.uff.br

[instagram.com/prof.diogo.jordao](https://www.instagram.com/prof.diogo.jordao)

Colégio Estadual Nelson Pereira Rebel

Campos dos Goytacazes - RJ





Um alhar para a aldeia Tingui Botó

“Ser educador é ser confessor dos próprios sonhos.”

Daniel Munduruku

“Professora, quase ninguém fala dos indígenas na escola”.

“A atenção aos povos indígenas na escola me fez sentir importante e ter mais voz”.

Entre a primeira fala — da aluna Gabriela²; e a segunda — da aluna indígena Maria Eduarda, há um longo e bonito caminho trilhado pela **professora Taciana Rocha Brito** na **Escola Municipal Veridiano Soares da Silva** e na **Escola Estadual Manoel Leandro de Lira**, em Feira Grande, Alagoas.

Um município com aldeia e reserva indígenas. Escolas com alunos e

2

Todos os nomes dos alunos e das alunas da escola foram substituídos por nomes fictícios.

alunas indígenas. Comunidade integrada por indígenas. Terreno propício ao empoderamento desses jovens, mas o que a professora de Língua Portuguesa via eram indígenas sem voz, sem identidade, sem *pertencer*. Ela viu jovens invisibilizados. E a intencionalidade de *educar para a democracia* começou a se desenhar na dimensão das relações humanas, a mais fragilizada naquele início de caminhada.

Partindo de um contexto escolar em que até professores e colegas faziam comentários depreciativos a respeito dos alunos indígenas, o olhar sensível da educadora se voltou a esses educandos, à *Aldeia Tingui Botó* e ao desafio de construir esse sentimento de pertencimento, identidade e valorização dos alunos e das alunas indígenas.

Esse desafio não veio sozinho: a falta de apoio de alguns colegas professores e a percepção negativa que a própria comunidade tinha dos indígenas foram grandes barreiras. Mas nem só de pedras é feito um caminho: essa trilha contou com muitas flores, que vieram da cooperação dos professores de Sociologia, História e Geografia que se juntaram à professora Taciana nessa viagem com os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, 1ª série do Ensino Médio e os alunos indígenas de todas as séries, sendo que esses últimos pouco ou nada participavam das ações da escola. Falta identidade, faltava ver os meninos e meninas indígenas exporem sua cultura, sua tradição, seus pensamentos.

O primeiro movimento da professora Taciana foi reunir-se com a comunidade da aldeia para apresentar a ideia, que foi bem recebida e acolhida de imediato. Na ocasião, uma frase vinda da liderança indígena chamou a atenção da educadora: *“Todos por uma só causa: ser humano”*. Esse espaço de escuta foi, assim, o pontapé inicial do projeto.

Já a primeira ação com os alunos foram as leituras sobre os direitos dos indígenas: notícias, Constituição Federal, Constituição Estadual e Lei Orgânica do Município foram levadas à sala de aula, muitos conhecimentos novos foram construídos nessa atividade. E não parou por aí: repercutidos pelas leituras, os alunos criaram um grupo de pesquisa e um questionário para levantar quais conhecimentos os outros professores

da escola tinham sobre a Aldeia Tingui Botó, bem como se trabalhavam a questão indígena com suas turmas. A pesquisa trouxe uma percepção mais nítida do quanto havia por se fazer na comunidade escolar!

Todos estavam em busca de uma só causa: *ser humano!* E um dos grandes momentos do projeto nasceu e aconteceu: o contato com a riquíssima cultura indígena. Culinária, vocabulário, leitura e contato com a produção literária indígena local. Havia pratos para degustação e, enquanto se esbaldavam na pipoca, ouviam apresentações de vocabulário feitas pelas colegas indígenas. E descobriram, entre um pedaço de bolo de macaxeira e outro, a imensidão desse mundo nas nossas palavras, nos nossos costumes, nas nossas vidas. Na cabeça de uma menina, um cocar colorido. Na sala de aula, indígenas e não indígenas sendo apenas *humano*. No coração, a semente do *pertencimento* germinando, no reconhecimento da beleza da diversidade.

Outro grande momento, que não estava previsto no planejamento inicial, foi a visita à aldeia para uma roda de conversa. Como um rio segue seu curso, esses alunos chegaram, inevitavelmente, à aldeia para falar com os *indígenas* que, a essa altura, não eram mais chamados de índios. Foi em um texto de Daniel Munduruku levado para a sala de aula que aprenderam: *índio e indígena não é a mesma coisa!*

A prosa com a liderança indígena marcou muito. Estar na aldeia, vendo-os com os corpos pintados falando sobre seus costumes, suas crenças, seu posicionamento político e suas tradições fez com que a imersão acontecesse de uma forma muito fluida e natural. “*Deveria ter uma matéria só sobre indígenas*”, o João Paulo, aluno não indígena, sugeriu após a conversa. A repercussão da roda de conversa foi grande nas escolas. Tanto que alunos de outras turmas pediram para se juntar ao grupo do projeto.

Mas como todo caminho tem o imprevisível das pedras que se põem à nossa frente, houve uma que muito abalou os alunos indígenas e os não indígenas, a professora Taciana e todos os que, de alguma maneira, abraçaram a causa: um docente, bruscamente e sem *ser humano*, menosprezou e ofendeu um aluno indígena na aula devido à sua etnia. A professo-

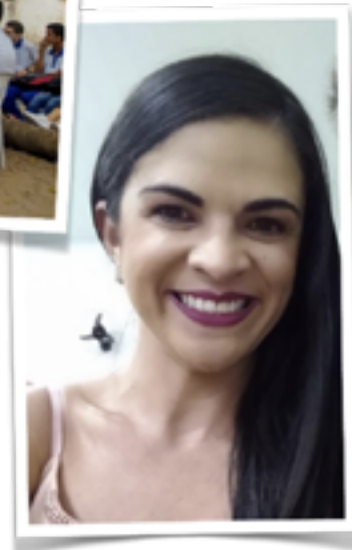
ra Taciana, que já andava guardando essas pedras, procurou criar novas conexões. Buscou o poder Judiciário e acionou o Ministério Público para encontrar apoio no combate ao racismo e à discriminação. Resultado: o MP se prontificou a receber os povos indígenas para ouvir suas demandas e o promotor se interessou em conhecer a aldeia.

Foram muitas as conquistas, mas esse não é um caminho que leva a uma linha de chegada, mas a diversos pontos de partida: como a Comissão Estudantil para Assuntos Indígenas (CEAI), formada por estudantes indígenas, não indígenas e demais interessados na causa. A CEAI, que objetiva estimular o protagonismo indígena dentro e fora do espaço escolar, tem como uma das pautas lutar por referências bibliográficas e obras indígenas para a biblioteca da escola.

E além das lindas sementes, a CEAI já colhe frutos: a parceria com a Universidade Estadual de Alagoas já foi firmada — *conexão* valiosa! Tão valiosa quanto as palavras do também apoiador da CEAI, Marcelo de Campos — filho do Cacique da *Aldeia Tingui Botó*: “*O projeto é importante, é importantíssimo. Eu, como acadêmico e como filho da liderança, me senti lisonjeado e esperançoso*”.

“*Professora, como faz para ser indígena?*” foi a pergunta do Leandro, aluno não indígena, encantado depois de vivenciar essa cultura no projeto. Missão cumprida, professora Taciana! Afinal, a liberdade de escolha, o protagonismo e a consciência do nosso papel transformador na sociedade são passos preciosos e fundamentais quando trilhamos o caminho da *Educação para a Democracia*: o único que nos leva, de fato, a sermos *Humano*.





Taciana Rocha Brito

Professora de Língua Portuguesa
tacianarochabrito@hotmail.com

Escola Estadual Manoel Leandro de Lira
Feira Grande - Alagoas



Uma viagem democrática: navegando pelos mares da empatia

*“É o tempo da travessia: e se não ousarmos fazê-la,
teremos ficado, para sempre, à margem de nós mesmos.”*

Fernando Teixeira de Andrade

Atenção, tripulantes! Preparem-se para uma viagem que leva ao endereço mais difícil do mundo: *o lugar do outro*. Quem conduz o leme e nos convida a embarcar nessa história é a capitã **Marília Navarqui**, que proporcionou aos seus estudantes dos 7^{os} anos uma incrível aventura de empatia por mares de diálogo e acolhimento. O roteiro, planejado em conjunto com as meninas e meninos do **Colégio Claretiano**, contou com rodas de conversa, dinâmicas, descobertas e muitas, muitas ondas de compreensão e escuta.

No colégio de Rio Claro, interior de São Paulo, o desafio era estimular o diálogo entre os estudantes para que a empatia norteasse as relações democráticas na escola. A adolescência e seus momentos de conflito nas relações intra e interpessoais foi a brecha em que se pode vislumbrar um

caminho de intervenção para atenuar problemas de relacionamento que podem comprometer o bom convívio entre os estudantes e, em alguns casos, a própria aprendizagem. Como se colocar no lugar do outro? Por que fazer isso? Qual a vantagem em proporcionar um ambiente de escuta em que todos se sintam seguros para falar?

Foram essas as perguntas feitas ainda no cais, antes do embarque nesse projeto que ousava ser transformador nas relações daqueles marujos e ambicionava que a onda de compreensão, colaboração e empatia invadisse não só as aulas de Língua Portuguesa, mas também o círculo familiar e as relações sociais. O cuidado com o outro foi, então, o tecido que se fez vela nessa embarcação.

Se mares calmos não fazem bons marinheiros, o primeiro vento contrário que chegava com força era a insegurança e timidez dos estudantes para expressarem seus sentimentos. E pensando que a falta de diálogo pode se transformar em uma grande tempestade na rota das relações humanas, todas as ações da educadora estimularam que os estudantes transformassem em palavras suas angústias, afinal, *o diálogo está no topo da lista de qualquer plano de viagem que mire a educação para democracia.*

A primeira dinâmica trazida pela educadora foi o colocar-se no lugar do outro de uma forma concreta: de olhos fechados, eles deveriam cumprir tarefas simples como se locomover de um lugar para o outro com comandos verbais, amarrar o tênis, buscar objetos no material. A experiência provocou falas como *“Não imaginei que seria tão difícil assim, parecia tão simples...”*. *“Nossa, por isso que as pessoas não devem deixar entulho nas calçadas, pode atrapalhar quem não consegue enxergar”*. Vivenciar essa situação por alguns segundos tirou os jovens de seu próprio mundo e fez com eles sentissem as dificuldades que muitas pessoas enfrentam todos os dias.

Foi um belo começo de percurso. Mas e na sala de aula? De que maneira era possível estar no lugar do colega que ouve brincadeiras e parece não se importar? Qual a receita para sair da insegurança e atravessar a

fronteira da coragem de expor as angústias? A receita da educadora para trabalhar o *bullying* e seus desdobramentos tinha como primeiro ingrediente um trecho da série *“Todo o mundo odeia o Chris”*. Nela, garotos incentivavam que Caruso humilhe e agrida o protagonista.

Uma reflexão sobre os papéis de vítima, agressor e espectador foi feita e muitos alunos se reconheceram nesse último papel. Teve até teatro com roteiro construído por eles: começava ali, naquele momento lúdico, a percepção da diferença entre brincadeira e *bullying*. Começavam também a explorar sem medo o mar aberto do respeito e falar sobre sentimentos e desconfortos já soava como uma ótima ideia. Se já falavam tão bem sobre roteiro de livros, história do Brasil e classificação dos seres vivos, por que não sobre o incômodo em ouvir certas piadas ou ainda sobre o quanto admiravam os amigos?

“Nessa fase, muitos conflitos nascem sem eles terem ideia do porquê aconteceu. Basta um olhar displicente e um silêncio para que a dificuldade no relacionamento ganhe força”, conta a professora Marília, que deu sua cartada de ouro com a atividade *“O que faria se fosse com você?”*. Para contornar a timidez de alguns alunos e ao mesmo tempo proporcionar um simulacro do problema do outro, solicitou que eles escrevessem de forma anônima algo que lhes trazia muita angústia.

Papéis recolhidos, misturados, foi só distribuir a eles que, com a “angústia do outro” na mão, teriam de ler em voz alta e sugerir uma ação: *“Se fosse comigo, eu...”* e esse foi o palco perfeito para o desfile de falas emocionadas e escutas sinceras, como aconteceu com um dos bilhetes de maior repercussão: *“Meu maior problema é a minha falta de confiança em mim, com isso acabo perdendo o ânimo de participar de várias atividades e concursos achando que não sou capaz”*. No mar do projeto choveu empatia. A proposta inicial era de que um aluno comentasse, mas naturalmente muitos foram falando o que fariam se estivessem no lugar daquele colega, sempre com palavras compreensivas e motivadoras. Alguns assumiram a “autoria” do escrito por se sentirem seguros naquele ambiente acolhedor em que, segundo a educadora *“emocionou muito e foi um divisor de águas”*.

Mais conectados do que nunca, os estudantes começavam a desenvolver um comportamento mais autônomo para solucionar os conflitos com os colegas. Aproveitando esse vento favorável, a professora incluiu uma ação que estimulava a comunicação não-violenta e que foi além dos conceitos teóricos com simulações de como isso poderia acontecer no dia a dia durante as aulas, em casa, no trânsito, nas filas, nas relações. Se no início eles só molhavam os pés, agora já se sentiam capazes de mergulhar, pois tinham coragem suficiente para encarar que o mar traria sim o medo, mas a recompensa seriam os corais mais coloridos. E foi esse colorido que inspirou os estudantes a mergulharem no protagonismo: alguns se candidataram para atuar como mediadores de conflito da turma. Escreveram discurso e fizeram campanha para angariar os votos dos colegas — tudo para atuar como pacificadores nos momentos dos ânimos exaltados.

A viagem seguia seu rumo e o que se via no convés eram garotas e garotos mais seguros e confiantes para falarem de seus próprios sentimentos, do quanto não concordavam com alguma atitude se ela incomodasse e escolhendo muito bem as palavras para não gerar mais desgaste em algumas situações. A amizade que nascia tímida agora quebrava na praia sem medo em ondas mais ousadas, e foi nessa maré de abertura que os navegantes iam chegando ao seu destino final.

A ação concebida para coroar o projeto foi a escrita e partilha de relatos de experiência, como o da Isabela: *“Por que não se sentar na frente da pessoa e falar com ela?”* e o da Giovana: *“O projeto me ajudou muito, ele me fez entender como os meus amigos estão se sentindo. Se todos tivessem empatia, as coisas seriam bem melhores”*.

Mas que viagem em alto mar não oferece belas paisagens e boas surpresas na travessia? *“Vamos espalhar amor, professora?”* foi a sugestão que surpreendeu e encantou a educadora no fechamento do projeto. *“Como?”* *“Ah, a gente faz uns bilhetinhos com tudo o que a gente gostaria de falar para os colegas das outras salas e distribui no recreio!”* A bússola da empatia era cada vez mais clara e fácil de entender. Era só seguir a direção! Foi assim que os *bilhetinhos mágicos* foram distribuídos em meio a abraços, risos e muito afeto.

O barco chegou ao seu destino, mas a viagem com horizontes novos continua para essas garotas e garotos que se emaranharam em fios de confiança e delicadeza e que agora olham para o outro como se fosse para eles mesmos: na escola, em casa, na vida. No diário de bordo, seguem registrando que diálogo e compreensão também são ingredientes da *receita do aprender*. Traçar rotas, conduzir o leme, explorar o mar, enfrentar as tempestades, ser farol: é, professora, valeu a pena! Afinal, tudo vale a pena quando a coragem não é pequena. Iluminar também é preciso!



Marília Cibeli Pires Navarqui

Professora de Língua Portuguesa

marilialetras85@gmail.com

instagram.com/marilianavarqui

Colégio Claretiano

Rio Claro - SP



Esportes e idiomas para a cidadania

“Aprender não é um esporte para espectadores.”

James D. Blocher

O ano é 2001 e o nome da aluna é Sthefanie. Nesse tempo, em uma das carteiras do **Centro Interescolar de Línguas de Sobradinho**, no Distrito Federal, a garota via, deslumbrada, o seu mundo se abrindo a cada nova palavra estrangeira que aprendia. E a eterna aluna crescia, assim como a sua paixão pelas novas possibilidades que o aprendizado de um novo idioma poderia proporcionar. Mas o encerramento do ciclo como estudante não foi um “*goodbye*”, mas o “*hello*” de um novo capítulo na vida da agora **educadora Sthefanie Salge Duarte**: “*Hoje sou professora na escola que me apresentou um novo horizonte e tenho como motivação e objetivo proporcionar esta mesma experiência significativa aos meus alunos*”.

Embora a escola e o interesse pela língua inglesa fossem os mesmos, os desafios nesse novo momento eram bem diferentes: como despertar o encantamento e o fascínio para aprender um novo idioma? E principal-

mente como fazer isso em uma escola pública sem livros didáticos? Parecia um cenário bem difícil, mas essa escola já tinha dardos democráticos certos para atingir esses dois alvos em cheio: os próprios jovens poderiam sugerir e votar temas para as aulas. Por um lado, a possibilidade de fazer com que se sentissem parte do processo e da tomada de decisões; por outro, eixos temáticos prontos para nortear atividades relacionadas à realidade deles.

A sensibilidade para a escuta ativa se fortaleceu em um ambiente escolar cuja valorização dos saberes dos estudantes e das estudantes já vinha há algum tempo fazendo parte do processo pedagógico da educadora: “*Conseguimos realizar projetos variados e que tinham valor e sentido para todos*”. Mas como entender o que tem valor e sentido para a comunidade escolar? Como transformar *conteúdo* em *vivência*? Na receita da Sthefanie, foi *observando*, e nessa observação ela intuiu que James D. Blocher tinha razão: “*Aprender não é um esporte para espectadores*”. Era preciso trazê-los para serem os titulares nesse jogo.

Deu-se conta de que uma fatia considerável desse público era feita de atletas cuja carreira era promovida por iniciativas vindas da comunidade. Meninas e meninos que se destacavam no cenário desportivo estavam bem ali, sentados naquelas carteiras para aprender inglês. *Aprender é um esporte para protagonistas*. E foi aliando a língua inglesa ao esporte que nasceu um projeto cheio de sentido e valor: ouvir e contar as próprias histórias e as dos colegas em uma língua estrangeira, uma linda estratégia em um jogo cuja vitória foi de todos. O Centro de Atletismo de Sobradinho (CASO) e a Associação de Karatê Hardy, que formam atletas de diferentes faixas etárias, foram grandes parceiros nesse movimento.

A primeira tática com as quatro turmas de aproximadamente 15 alunos – entre 15 e 18 anos – foi o contato com diferentes tipos de relatos para verificação de conhecimentos linguísticos. O convite feito a vários atletas para que compartilhassem as suas histórias em uma roda de conversa possibilitou um sentimento de identidade e admiração pelo histórico de superação deles. E se para fazer sentido é preciso fazer sentir, foi nesse momento que o projeto fisionomizou os corações adolescentes, que escutavam

atentos enquanto faziam o primeiro registro dos relatos em português para depois trabalhar aquelas histórias em língua inglesa.

Entre os convidados dessa experiência única estava Caio Bonfim, marchador atlético que ostenta o 1º lugar no *ranking* brasileiro e o 9º lugar no *ranking* mundial. Com chance real de medalha nas próximas Olimpíadas, emocionou a todos com seu percurso de vida e envolveu ainda mais os adolescentes. Mas ele não foi sozinho: para reforçar o time e contar também sua história, levou sua mãe, a octacampeã brasileira na mesma modalidade: Gianetti de Oliveira Sena Bonfim. “*Quando podemos sair da superficialidade das histórias fictícias para aprofundar e aprender a partir de histórias verdadeiras e significativas para o grupo, o envolvimento e interesse mudam*”, concluiu a educadora. Mas a conversa nessa roda ainda não tinha acabado, faltava a atleta Amélia Fortunato, campeã brasileira e sul-americana de marcha atlética partilhar suas experiências. Essa era uma atleta mais do que especial: além das medalhas, ostentava também o título de aluna da escola. Quanto orgulho para a equipe escolar!

E o jogo seguia com estratégias diferenciadas. A seguinte foi trazer atletas, treinadores e idealizadores do CASO e da Associação Hardy para bater um papo com o pessoal na escola, afinal muitos alunos treinavam nesses centros esportivos; e o que seria uma ação específica com as quatro turmas de Língua Inglesa acabou por atrair mais três professores com as suas turmas. O momento foi impactante por fazer com que eles reconhecessem nos colegas atletas com grande potencial. Enquanto ouviam, iam anotando tudo.

A conversa sobre os desafios que os atletas enfrentam, a importância do esporte e os investimentos direcionados a essas iniciativas também fizeram parte dessa trajetória de *educação para a democracia*. Além do novo idioma, eles refletiram sobre as esferas do Poder Público e o modo como os investimentos aconteciam. Protagonistas que agora se sentiam, propuseram possíveis caminhos para aprimorar iniciativas como as que conheceram. Nesse campeonato, o Jogo da Política também fez parte do time e eles puderam compreender a dinâmica do orçamento do país, além, claro, de refletirem sobre seus direitos e deveres na posição de cidadãos.

E como toda partida tem intervalo, a pausa de algumas semanas nas aulas para reagrupamento das turmas fez com que a educadora ficasse preocupada com o engajamento conquistado. E não é que eles voltaram descansados e cheios de energia para continuar as atividades? Resultado de práticas pedagógicas de educadores que vestem a camisa e põe os alunos para jogar ao invés de deixá-los nas arquibancadas. Ponto para a professora!

No decorrer do projeto, entre uma anotação em inglês e outra, aqueles adolescentes iam se reconhecendo capazes não apenas de aprender uma nova língua, mas de serem sujeitos *transformadores* em sua comunidade. Ouvindo aquelas histórias de dificuldades relatadas pelos colegas, tiveram a ideia de se mobilizar e arrecadar roupas para doação: “*Ao longo do projeto os alunos foram encorajados a refletirem sobre o papel deles na sociedade e como eles podem transformá-la a partir da reflexão para a ação*”, explicou a educadora, que acredita no potencial da aprendizagem significativa da educação para a democracia quando se entra no campo da prática, no tatame do protagonismo e na pista das ações.

E por falar em tatame, uma das máximas do karatê, modalidade praticada por muitos daqueles jovens, é “*Encorajar o espírito de esforço*”. E foi imbuída desse espírito de esforço que a educadora quis ir além de histórias contadas em inglês e promover um jogo em que todos saíam vencedores contando suas próprias vitórias e celebrando as vitórias dos colegas. O primeiro alvo, que era incentivar o engajamento dos alunos no curso de inglês a partir de uma ação social na comunidade, não foi o único: nesse caminho ela pôde perceber que novos sentidos foram construídos para os jovens, para a comunidade e para ela. Enquanto selecionavam informações e se dedicavam aos relatos em língua inglesa, iam desenvolvendo diferentes estratégias de estudo. Quando discutiram política, perceberam o seu importante papel como agentes na sociedade.

Embora o receio e a insegurança por pensar que não teria apoio tenham rondado esse espírito forte de educadora, ele estava encorajado de esforço, e a observação — tão presente em sua conduta pedagógica — permitiu que ela vislumbrasse que havia, sim, outros educadores enco-

raçados na escola, bastava que se encontrassem. “Refletir para agir”, não é, professora Sthefanie? Depois de todas essas flechas certas em alvos de empoderamento e cidadania, você já é medalha de ouro!

No jogo das práticas significativas, toda longa jornada que leva à vitória começa na escolha da estratégia. E se é chegado o momento de comemorar esse gol de cidadania, foi porque a educadora soube, além de *observar* a comunidade escolar no todo e em suas especificidades, *refletir* sobre quais seriam os movimentos mais efetivos para poder *agir*. Nessa *reflexão-ação* a vitória foi de todas: professora, alunas, comunidade. Depois de acertar todos esses alvos de empoderamento, a medalha de ouro já é sua, professora Sthefanie! Afinal, só grandes treinadoras sabem fazer do aprender um esporte de transformação.



Sthefanie Salge Duarte

Professora de Inglês

sthefaniesd@gmail.com

instagram.com/sthefaniesd

Centro Interescolar de Línguas de Sobradinho - SEDF

Sobradinho - DF



O roçado da democracia

*“Mandacaru quando fulora na seca
É o sinal que a chuva chega no sertão”*

Luiz Gonzaga

E todo professor que acredita na mudança é sinal de que a coragem já chegou ao coração. Foi assim, cheio de coragem, que o **educador Katson Fernandes** arrou a terra, semeou e admirou a chuva da cidadania irrigando o terreno na **Escola Estadual Professor Antonio Dantas** em Apodi, sertão do Rio Grande do Norte. Enquanto os mandacarus davam sinal de resistência florescendo em meio à terra árida, as sementes de *educação para democracia* eram preparadas para germinar no solo da conexão entre o poder público e a comunidade.

Foram os estudantes das três turmas de 1ª série do Ensino Médio, apoiados também pelo Grêmio Estudantil, que trouxeram a parceria para esse plantio promissor. O educador, mesmo observando algumas práticas democráticas como a escolha de representantes de sala e a eleição para

o cargo de diretor, sentia falta de que as garotas e os garotos “*pulassem o muro da escola para juntar o poder que estava lá fora com a comunidade escolar*”.

O primeiro movimento foi conhecer bem o terreno para entender como aquela juventude sentia e via o poder público. Ser tão minucioso foi essencial para preparar bem o solo do projeto e, quando percebeu o distanciamento dos jovens com o tema, Katson entendeu exatamente que tipo de semente deveria plantar. O desafio de aproximar o poder legislativo da comunidade escolar era grande, mas ele sabia que esse mandacaru floresceria, resistente que sempre foi.

Resistência também foi o esperado ao entrar em contato com a Câmara Municipal, no entanto os ventos favoráveis trouxeram vereadores que se entusiasmaram com a iniciativa da escola: a ponte estava construída. Além desse contato, a preparação para o cultivo teve momentos de reflexão a partir do *Jogo da Política*, muito explorado ao longo do projeto e que trouxe a inspiração para eles pensarem em como seria um país ideal.

Nesse país cuja Constituição foi construída coletivamente, eles vislumbraram que a vida deveria ser bem melhor e seria, bastava que se empoderassem como cidadãos dispostos a observar e a reivindicar as melhorias para sua comunidade. Modelo de país e constituição prontos, era momento de concluir a aragem do terreno: apresentações e peças teatrais para mostrar as ideias de cada grupo. Mas não parou por aí: os outros estudantes puderam revolver essa terra e fazer observações e sugestões na Constituição dos países dos colegas.

À medida em que ia sentindo o solo mais preparado e propício ao plantio, o educador se encorajava cada vez mais a desafiar meninas e meninos a pensarem em estratégias que de fato seriam transformadoras para eles e a comunidade local. Afinal, como se fazer ouvir? Como criar o diálogo com o poder público para que aquele problema de falta de saneamento básico fosse resolvido? E que tal criar uma Comissão para acompanhamento das queimadas no município? As perguntas eram muitas, mas eles já tinham, naquela altura, o que responder. Katson ficou com a pureza

da resposta desses jovens, que mesmo em tempos difíceis sentiam que a vida sempre seria bonita no sertão. Talvez fosse a alegria de sua gente que sempre soube ser tão forte.

Uma dessas forças surgiu com a proposta da construção de partidos políticos fictícios que deveriam contemplar tudo o que uma legenda arre-tada tem direito: missão, posição política, bandeiras de luta do partido e escolha de representante para participar das eleições. Seriam eleitos três estudantes de cada turma, totalizando nove “vereadores”.

Partidos políticos definidos e o que se via era a chuva refrescando o terreno: o processo eleitoral foi realizado, além da formação de uma mesa diretora da Câmara presidida por uma garota, um vice-presidente e um secretário. A sequência didática, que estimulou o desenvolvimento de habilidades de leitura, escrita e argumentação oral, despertou também a consciência crítica e o olhar apurado para a realidade local. O solo ia se mostrando fértil; as aulas, encorajadoras.

Mas além da coragem, saber reconhecer os tempos do plantio e da colheita também é fundamental aos bons semeadores: foi essa a habili-dade exigida quando um deputado demorou mais do que o previsto para encaixar na agenda um bate-papo com os estudantes. Os garotos, já tão envolvidos com as ações e sedentos por entender o funcionamento do legislativo, estavam no tempo propício de plantar as suas dúvidas e colher conhecimento. Seria esse um banho de água fria que esfriaria os motores aquecidos daquelas mentes inquietas e engajadas?

Felizmente, o educador se valeu de sua sensibilidade e astúcia para manobrar o roteiro e agir no tempo certo. Não deixou que o momento de entusiasmo se esvaísse em uma espera longa pelo retorno do deputado, convidou um vereador para a atividade e, em uma manhã bonita embaixo de uma oiticica, o encontro aconteceu. Cobertos pela sombra da árvore típica do sertão nordestino, os estudantes puderam conhecer o papel dos vereadores e como eram os ritos da Câmara. Além da sombra natural, iam sendo cobertos também pelas novas ideias que brotavam frescas.

Depois de tanta preparação, era chegada a hora de pular o muro da escola e juntar-se à comunidade para pensar em projetos de lei que poderiam melhorar as condições de vida de todos. Mas não pararia por aí: a ideia era levar as reivindicações à Câmara Municipal em uma sessão simulada. Esse processo contou com mais duas etapas: o momento de aprender como estruturar um projeto de lei e, por fim, a construção dos nove projetos que seriam votados no momento mais aguardado por todos, a experiência de ser vereador por um dia.

E no dia mais esperado as placas de acrílico ocupavam as mesas com os nomes dos vereadores e vereadoras mirins, que encontraram um ambiente organizado com as próprias fotos e o plenário cheio de rostos orgulhosos: equipe escolar, vereadores, colegas, familiares. Todos ansiosos pela apresentação dos projetos de lei. E quem não conseguiu acompanhar presencialmente o grande evento, assistiu à transmissão ao vivo pelas redes sociais da escola.

E assim os nove projetos foram apresentados, discutidos e votados, como o da Sabrina, que propunha *“a proibição de queima de resíduos de podas de árvores em vias públicas urbanas”* e o do Leonardo, que sugeria *“a criação de uma comissão para acompanhamento das queimadas no município de Apodi”*. A chuva de uma educação voltada à cidadania e à democracia caía no sertão e nas vidas desses estudantes que, encorajados pelo educador, deram vozes e ouvidos às necessidades da comunidade e aos anseios que eles mesmos carregavam.

“Chegamos ao final com a sensação de missão cumprida, colhemos bons frutos. Conseguimos manter a conexão com a realidade da comunidade”, relata o educador, sabendo que coragem não significa ausência de medo, mas a bravura em agir apesar dele, com o coração, como nos ensina a etimologia da palavra. Agir para mostrar aos jovens que aquele território também pertencia a eles e que poderiam ser protagonistas de grandes transformações.

Se muitos foram os períodos de seca, agora dançavam sob a chuva de transformação que as flores de mandacaru haviam anunciado. Se não

podiam impedir as queimadas ou construir com as próprias mãos o saneamento básico, já sabiam quais eram as ferramentas para cobrar esses direitos. E se o medo viesse, agiriam apesar dele para plantar novas sementes, afinal, no sertão forte da flor do mandacaru, também há a beleza de ser um eterno aprendiz. Isso eles também aprenderam com o professor.



Katson Fernandes

Professor de Sociologia

ktsonitau@hotmail.com

instagram.com/katsonfernandes

Escola Estadual Professor Antonio Dantas

Apodi - RN



Quando as cores da democracia se encontram na escola

“Meu coração é vermelho”

Chico da Silva

Quantas cores podemos enxergar em uma escola? Aproximando um pouco a lupa desse arco-íris, quantas cores podemos enxergar em uma escola situada em uma região de grande vulnerabilidade social em São Paulo? **A professora Leticia e o professor Carlos** usaram as lentes da sensibilidade e observaram que, na comunidade de São Miguel Paulista, nem todas as cores eram vistas. No bairro tão colorido do extremo Leste, faltava que todos os tons fossem valorizados como deveriam.

Como fruto dessa constatação, iniciaram em 2017 o “*Projeto de Consciência Negra*” na **Escola Estadual Prof. Francisco Pereira de Souza Filho**, abordando temáticas como *Literatura, Religiosidade e Estética Afro-brasileiras*. Estudantes de todas as cores e os dois educadores, envolvidos com o tema e a importância do trabalho, aproximaram-se ainda mais da própria realidade e passaram a questionar por que, apesar de todos os

esforços na construção de uma sociedade mais justa e igualitária, o preconceito ainda persistia.

O olhar cuidadoso para a cor de fora fez com que enxergassem a cor de dentro: foi assim que o vermelho do sangue começou a ganhar atenção naquele momento. A anemia falciforme é “*um distúrbio que altera o formato dos glóbulos vermelhos diminuindo a capacidade de essas células transportarem oxigênio*”, segundo a professora, e predomina na população negra. Perceberam que os meninos e as meninas não tinham conhecimento das graves consequências que o problema poderia trazer e muito menos informação e tratamento adequados. Era o momento de lutar para que a saúde da comunidade negra deixasse de ser negligenciada.

Como naquela comunidade pouco ou nada se sabia sobre isso, o cenário era propício a desdobramentos mais graves da doença; a precariedade de serviços públicos essenciais também era barreira a ser transposta. Era chegada a hora de cuidar da cor vermelha e começar a pintar um lindo quadro de *educação para democracia*. O desafio de envolver docentes e discentes na busca de possíveis meios e soluções para o problema de Anemia Falciforme começava com um reforço de peso: garotas e garotos engajados, cheios de vontade e potencial para trabalhar coletivamente. Qual seria a primeira pincelada para mobilizá-los a trazer toda essa energia para um projeto de saúde na escola?

O primeiro traço nessa tela foi a apresentação do projeto à equipe diretiva e aos colegas docentes durante o replanejamento escolar. O grupo, entendendo a relevância do tema, abraçou a causa e compreendeu a transversalidade e multidisciplinaridade envolvidas. Duas pessoas da equipe relataram casos da doença vivenciados por elas, trazendo ainda mais sensibilização e desejo de ação.

E então chegou a vez de convidar os meninos e as meninas para trazerem suas cores a esse movimento necessário. O estranhamento se apresentou em um primeiro momento por se tratar de um tema desconhecido, mas logo a inquietação tomou conta dos corredores e eles procuraram a professora para trazer suas primeiras ideias. No entanto, alguns estudan-

tes de outras turmas ainda estavam tímidos, nada que a chapa *Adão e Evas*, do Grêmio Estudantil da escola, não pudesse resolver. *Missão dada é missão cumprida!* A parceria foi potente, já que o grêmio é uma referência de inserção na vida social, cultural e política para aqueles jovens que, como Carolina Maria de Jesus, andavam descontentes com o mundo como ele era e precisavam modificá-lo. Foram, pois, modificar o mundo começando pela própria escola.

Cenário pronto: telas, pincéis, cores e talento para pintar uma nova paisagem onde o vermelho teria um destaque especial. Educadores e artistas do Ensino Médio planejaram, coletivamente, as ações dessa empreitada. A primeira delas foi identificar sujeitos portadores de anemia falciforme na comunidade por meio de enquetes na escola e nas redes sociais e, em seguida, verificar o grau de informação sobre a patologia. Os resultados, expostos em painéis na escola, mostraram que surpreendentes 75% dos entrevistados desconheciam a doença.

Base pronta para a pintura! Grêmio estudantil, estudantes, comunidade, comércio local e educadores deram as mãos e promoveram campanhas de esclarecimento sobre anemia e doação de sangue e medula óssea por meio de panfletos, palestras, ativismo nas redes sociais, cartazes e *folders*. Até o contato com o hospital foi feito nessa fase e, na tela, ficava cada vez mais nítido e inspirador o cuidado com a saúde daquela comunidade negra.

E não é que no meio desse movimento os educadores agregaram uma ação ao projeto em que os alunos literalmente pintaram telas com a temática *Prevenção à Saúde?* No desfile cívico em comemoração aos 459 anos do distrito, aproximadamente 2000 pessoas viram a ala dos alunos “franciscanos” exibirem quadros feitos em parceria com o grafiteiro André da Silva França e faixas de conscientização pelas ruas. Estudantes coloridos só poderiam espalhar cores! Além da importância do assunto, dialogaram, interagiram, explicaram, promoveram. Em cada pincelada, iam percebendo a própria potencialidade para transformar a realidade e desenhar novos caminhos.

Uma dessas grandes transformações aconteceu na UBSs local. Foi lá que “dar o sangue” deixou de ser força de expressão e entrou na lista das ações do projeto. Depois de as meninas Rayssa e Nicole esbanjarem criatividade na produção de cartazes e *folders*, os colegas ajudaram a fixar o material pela escola e comunidade convidando as pessoas a participarem da campanha de doação de sangue, que foi um sucesso!

E, por conta desse sucesso, os educadores pensaram na possibilidade de multiplicar as ações e a importância do projeto. Organizaram uma reunião com o subprefeito e representantes do Rotary Club, Descomplica São Paulo, Coordenadoria Distrital de Saúde para distribuir as tarefas dos eventos da Ação Comunitária, que objetivava levar mais informação e saúde à comunidade; além disso, entregaram um ofício de apresentação do Projeto à Câmara Municipal na intenção de ser encaminhado à Comissão de Educação da Casa Legislativa.

Para a Ação Comunitária, novamente os jovens artistas entrariam em cena para promover o evento e ajudar na divulgação de um projeto que começava nos tons diferentes da pele e seguia pelo mesmo tom vermelho que todos somos por dentro; que se preocupava com o conhecimento, mas não deixava de lado a saúde e o bem estar. Era disso que eles se orgulhavam: de serem autores de uma obra que viabilizou uma verdadeira transformação naquela comunidade onde as foices que os negros encontravam não estavam só no formato do glóbulo, mas nos olhos de gente incapaz de enxergar a beleza das diferenças. Mas os estudantes nem se lembravam mais das foices: a tinta que andava fazendo sentido era a dos gestos de amor.

Nesse circuito artístico e colorido, empoderamento e desejo de mudança permitiram que meninas e meninos reconhecessem a importância da ação social e democrática em uma comunidade que agora estava mais informada e consciente de seus direitos. O que se via pelos corredores da escola eram crianças e jovens negros empoderados por perceberem que havia olhos que os enxergavam e vozes que os defendiam, inclusive no direito à saúde.

Do esboço à arte final, os educadores se valeram de todas as cores da paleta para reforçar a potência e a beleza do preto. Depois de enxergar tantas cores em uma escola, é só pegar o pote de ouro no final do arco-íris, não é, professores? Muito merecido para quem tornou possível um quadro feito a mãos pretas e brancas em que correm vermelhos pulsantes daquele tom de todos nós: a cor do coração.



Leticia Lopes de Souza

leticia.if.usp@gmail.com

Professora de Física e Química

Carlos Augusto Pereira de Souza

augusto.alfafil@gmail.com

Professor de Filosofia

Escola Estadual Francisco Pereira de Souza Filho

São Paulo – SP



Agradecimentos

A equipe do Missão Pedagógica no Parlamento agradece:

À Marília Navarqui por toda a sensibilidade e o talento ao contar cada história;

Aos professores Cibely Martins e Diogo Jordão, por suas contribuições;

A cada um dos professores e das professoras que desenvolveram os projetos contados nesse E-book.

À turma de 2019, porque a consolidação das experiências acaba levando um pouquinho de cada um e de cada uma.



Portal EVC
Onde Educação
Vira Cidadania